

DO CONTEUDISMO AO ENSINO CRÍTICO: UMA NOVA PERSPECTIVA NA GEOGRAFIA

Gabriel de Souza Moreira

Professor-Tutor Externo: Luiz Francisco Nogueira de Freitas

Centro Universitário Leonardo da Vinci – UNIASSELVI

Licenciatura em Geografia (GED0073) – Trabalho de Graduação

27/10/2012

RESUMO

O seguinte trabalho tem como objetivo levar aos educandos uma nova perspectiva de ensino da geografia que é sair do ensino tradicional e adentrar o ensino crítico. Através da proposta foi desenvolvido um tema para que este fosse levado para a prática de ensino; para isso foi feita uma aproximação da teoria com a prática. E para que se desenvolvesse um melhor trabalho foram feitas observações durante a pesquisa de campo do lugar onde se realizou o estágio de docência. A pesquisa evidencia o que pensam os alunos sobre o ensino de geografia tradicional e o ensino baseado na dinamicidade. Os resultados obtidos durante esse período foram de grande aproveitamento para a construção deste trabalho e também para se conhecer o processo de aceitação do novo método de ensino pelos educandos e pelos educadores.

Palavras-chave: Educação. Ensino crítico. Metodologia.

1 INTRODUÇÃO

O trabalho tem como propósito dar ênfase à metodologia de ensino de geografia baseada no ensino crítico em detrimento do conteudismo, tendo em vista que vários autores fazem referência a essa metodologia como útil ao educando. Para haver um maior esclarecimento do tema proposto para este trabalho consultaram-se vários referenciais teóricos que pudessem aproximar a teoria com a prática vivida durante o período de pesquisa de campo. Levantaram-se algumas questões sobre ensino-aprendizagem e também sobre a disciplina geografia sob o ponto de vista dos alunos, de forma que ela possa ser uma disciplina atraente para eles, e não vista pelo viés da “decoreba”.

O trabalho tem como objetivo principal verificar se o ensino de geografia é ministrado de forma crítica na escola. Para responder ao objetivo geral foram desenvolvidos os três objetivos específicos: demonstrar que a utilização de metodologias do tipo ensinar para o pensar são importantes para a formação de cidadãos críticos e conscientes, mostrar que o ensino crítico baseado na realidade do educando desperta maior interesse, citar as dificuldades encontradas pelos alunos no ensino de geografia.

Os objetivos expostos visam mostrar aos educandos uma nova perspectiva do ensino de geografia. Para se chegar ao resultado da pesquisa, o trabalho teve como metodologia entrevista com alunos de turmas do Ensino Fundamental e Médio e

com a professora regente. Foram realizados questionários com perguntas abertas e fechadas e pesquisa participante. Como parte do processo da pesquisa, foi exercida a regência de classe, nos dois níveis de ensino, baseada no ensino de geografia crítica, dando ênfase à realidade dos alunos. Todo esse processo teve como intento responder ao problema da pesquisa e aos objetivos acima expostos. A leitura de textos e livros de autores que abordam o tema foi de substancial importância para a reflexão sobre o assunto. A troca de conhecimentos nesse processo de construção na Escola Municipal Nova Jerusalém, no município de Presidente Figueiredo/AM, serviu também para o enriquecimento da prática docente.

A pesquisa sobre a temática é de grande relevância ao ensino atual, tendo em vista que o ensino baseado numa metodologia conteudista não consegue mais atingir o objetivo principal da educação, que é formar cidadãos críticos e conscientes para atuar na sociedade.

2 DO CONTEUDISMO AO ENSINO CRÍTICO

O tema proposto com esse trabalho foi realizado durante o processo de estágio para obter uma visão sobre como os alunos percebem o ensino de geografia e a sua importância, e também como essa está sendo metodologicamente ministrada pelos educadores.

Para a geografia, por ser uma disciplina que aborda o meio físico e humano, de certa forma fazer esse relacionamento é importante, mas é bem verdade que muitos professores veem nesse dualismo uma dificuldade e um empecilho para ministrar essa disciplina. O ato de ensinar é buscar sempre a inovação, para responder às angústias e dificuldades dos educandos, que concebem a geografia somente como uma disciplina que exige decorar e reter conceitos, e como bem enfatiza Cavalcanti (2008, p. 132), “[...] no ensino de geografia, há um aspecto que chama a atenção que é a

associação dessa matéria, ou de seu ensino, com a memorização, com a ‘decoreba’”.

A metodologia de ensino baseada numa perspectiva de ensino de geografia crítica, que é a proposta da pesquisa, não tem como procedimento apenas transmitir conhecimentos aos alunos, mas também levá-los a construir e participar ativamente desse processo, no qual tanto alunos como professores possam juntos contribuir para a construção de uma disciplina significativa para o seu cotidiano, e não apenas uma disciplina baseada em conteúdos. Para isso é importante a participação do professor na condução de um trabalho baseado na interação. Veja o que diz Kimura (2010, p. 55) sobre o trabalho do professor “[...] É mais saudável para o professor ter uma lucidez maior acerca das articulações do seu trabalho no processo educacional geral, bem como de seus limites”.

Os alunos não desenvolvem um olhar crítico, pois muitas vezes os professores se prendem a conteúdos escritos no quadro, sem que o aluno possa se manifestar sobre seu entendimento acerca de determinado assunto. Com isso se dificulta cada vez mais a aprendizagem, devido ao desinteresse causado pelas aulas apenas baseadas em conteúdos, não dando ênfase à participação durante as aulas. Kimura (2010, p. 55) fala sobre a importância do educando nas aulas: “[...] o ser estar no mundo é o ser estar no mundo concreto das pessoas no mundo que as circunda desde suas origens com as interações que elas vão estabelecendo nesse ser estar percebido, sentido, elaborado e transformado em conhecimento”. Seguindo essa linha de raciocínio, Filizola (2009, p. 80) fala sobre a importância do aluno na sala de aula:

[...] é interessante que os alunos sejam mobilizados, por meio de experiências em sala de aula, a perceberem qual é de fato a utilidade daquilo que está sendo ministrado. Assim, é preciso ir além dos objetivos e usar de argumentos ainda mais elaborados.

Com essa nova dinâmica de ensino os educadores necessitam fazer com que os alunos consigam desenvolver o seu olhar crítico sem ficar presos a conteúdos, é necessário que haja uma interação significativa professor/aluno.

O ensino atual não pode mais basear-se somente em apresentar números e conceitos e nem tampouco ser descritivo. Filizola e Kozel (2009, p. 18-19) afirmam que:

A geografia que se mantinha atrelada a um método que partia da natureza para tentar explicar a sociedade e que não se desprendia das descrições ao estilo das “fotografias faladas”, e que se mostrava incapaz de propor soluções para o enfrentamento dos problemas que a realidade lhe colocava ficou conhecida por geografia tradicional. [...] Subsidiada por modelos matemáticos, com o objetivo de apresentar formas precisas de ocupação e controle do espaço, isto é, um planejamento territorial técnico, essa tendência ficou conhecida por geografia quantitativa.

Seguindo o mesmo raciocínio sobre as etapas das áreas da geografia, Castellar e Maestro (2002, p. 5) afirmam que a geografia crítica inicia quando “A geografia crítica renova-se a partir do momento em que se concentra na análise da realidade, considerando as contradições existentes nelas, ou não. Assim, o espaço geográfico passa a ser o objeto de estudo da geografia”.

O ensino de geografia crítica é de suma importância para a compreensão do mundo contemporâneo, e nesse sentido é necessário ter um bom princípio teórico e metodológico para que o aluno seja inserido nesse processo não apenas como um mero receptor, como também participante.

Sobre essa nova concepção da geografia, Giasanti (2009, p. 12) afirma:

O mundo contemporâneo vem passando por uma profunda e acelerada reestruturação, que afeta a vida política,

econômica, social e cultural do Brasil e do planeta como um todo. Entretanto, as modificações desenvolvem-se de forma desigual sob todos os pontos de vista. Diante desse cenário extremamente complexo e inédito para a humanidade, é preciso um modo elaborado e diferente de ver e pensar o mundo, no qual a Geografia não somente tem importância, como também fornece uma poderosa e reveladora perspectiva crítica.

Através desta nova metodologia os professores necessitam reformular suas aulas para que elas possam corresponder às expectativas do novo ensino de geografia e para que os alunos tenham um entendimento sobre a realidade atual. O professor, antes de tudo, deve focar o ensino na realidade do aluno, para que as aulas se tornem atrativas. A forma tradicional de ensino baseada no conteúdo implica a construção de cidadania dos alunos, fazendo com que se tornem cidadãos sem percepção do mundo onde vivem, e não é esta a geografia pensada para os alunos. O ensino de geografia deve levar o aluno a pensar o seu lugar no espaço geográfico. Giasanti (2009, p. 12) fala do conhecimento dos educandos sobre o espaço geográfico: “[...] o espaço geográfico não é um simples palco de acontecimentos e sim uma dimensão fundamental da vida humana, assim como a política, a cultura, a economia, a história, a estrutura jurídica e outras”.

Com isso os professores devem educar os alunos para a vida, e devem sair da sala de aula com uma percepção do mundo onde vivem e de sua estrutura social, para conhecer o mundo além dos muros da escola.

3 OS ALUNOS E O COMPONENTE CURRICULAR DE GEOGRAFIA

Percebeu-se durante a pesquisa que os alunos não têm uma participação ativa nas aulas, pelo fato de as aulas serem baseadas num ensino tradicional, e esse é um dos fatores de desinteresse. Os alunos em si têm certo grau de conhecimento, por

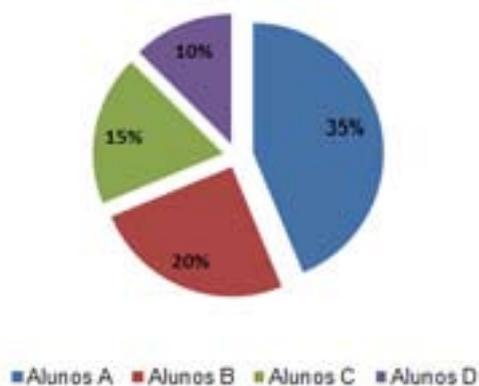
isso é importante o professor explorar o seu conhecimento prévio.

No decorrer do processo de intervenção¹, conforme já mencionado, muitos alunos não compartilham e nem interagem no período de aula, e isso faz com que se crie uma barreira entre o professor e o aluno. São essas barreiras que a nova perspectiva da geografia tenta eliminar, buscando aproximar o educando do educador e fazendo com que ambos se tornem membros desse processo de ensino-aprendizagem.

Para muitos alunos a geografia é uma disciplina em que se estuda apenas mapa, relevo, clima entre outros assuntos do componente curricular, sendo preciso apenas decorar conceitos. Para melhor compreensão, foi desenvolvido o seguinte gráfico, que enfatizará como os alunos veem a geografia, pois muitos entendem como uma disciplina que se estuda apenas os aspectos físicos de uma região ou país, e outros a veem como uma disciplina de autoconhecimento (ver Gráfico 1).

GRÁFICO 1 - PERCEPÇÃO DOS ALUNOS SOBRE A IMPORTÂNCIA DA GEOGRAFIA

Percepção dos alunos sobre o ensino de geografia



FONTE: Pesquisa de campo no Ensino Fundamental e Médio realizada no período de 2011 a 2012

¹ Período de regência de classe durante o estágio em séries finais do Ensino Fundamental e Médio.

Os alunos foram classificados em alunos A, B, C e D para que se obtivesse uma integridade dos alunos. O gráfico evidencia que, dos alunos que participaram da pesquisa, 35% responderam que a geografia é vista como uma disciplina muito importante para as suas vidas, e através dela se consegue descobrir sempre algo a mais. Entre os alunos B, 20% responderam que é uma disciplina em que se estudam apenas mapas, relevo, vegetação, sem que haja muita significância para suas vidas além da escola; 15% dos alunos C disseram que é uma disciplina que estuda muitos assuntos do planeta e 10% dos alunos D responderam que é uma disciplina sem muita importância, estudam apenas para passar de ano e que para isso basta somente decorar.

Partindo deste contexto de respostas dos alunos observa-se que a grande maioria vê a disciplina como de grande importância. No entanto muitos ainda têm uma noção equivocada a respeito da importância do ensino de geografia, talvez pelo fato de como está sendo ministrada na escola. De acordo como a disciplina vem sendo ministrada nas escolas, não atrai a atenção do aluno, pois é baseada somente num ensino tradicional, e isto se pôde observar durante a realização do estágio.

3.1 O DOCENTE E A NOVA PERSPECTIVA DA GEOGRAFIA

De acordo com observações durante o período de estágio verificou-se que os professores não utilizam a metodologia de ensino crítico, mencionam alguns que desconhecem tal metodologia de ensino, alegam que aprenderam de forma tradicional e é assim que conseguem ministrar suas aulas.

Adaptar-se à nova realidade exige antes de tudo conhecimento e dedicação, pois romper com velhos paradigmas de ensino é, acima de tudo, entender que a educação não pode mais caminhar junto de práticas que não despertam nem tampouco

acrescentam algo à vida dos educandos. É preciso desenvolver no aluno a criticidade sobre os assuntos explanados durante as aulas.

Os professores mencionaram que ensinar de forma não tradicional é bastante difícil, pois muitos não contam com aparato didático para que eles possam fazer alguma atividade que envolva o despertar da criticidade do aluno. Para a professora regente esse novo método de ensino crítico evidenciando a realidade do aluno, apesar das dificuldades, é importante, principalmente no ensino de geografia. De acordo com Pontuschka, Paganelli e Cacete (2009, p. 71):

A discussão da proposta, embora não tenha atingido a todos, promoveu uma ruptura no ensino tradicional da disciplina, apontando caminhos diferentes de um ensino apenas transmitido pelo professor, descolado dos movimentos sociais e da realidade social do país.

A nova metodologia, segundo a professora, apresenta alguns desafios e dificuldades, pois o ensino baseado somente no conteudismo ainda é muito presente na educação. Alega ainda que a metodologia de ensino crítico gerou dúvidas entre os pedagogos e os docentes, como também para a mesma, que leciona geografia sem formação acadêmica.

De acordo com Pontuschka, Paganelli e Cacete (2009, p. 71), existem

[...] ansiedades e dúvidas dos professores de geografia de todos os estados do País, ou seja, sobre o que ensinar e como avaliar os conhecimentos geográficos nos diferentes níveis de ensino com base na chamada Geografia Crítica.

Partindo de vários princípios teóricos e metodológicos a geografia crítica tende a crescer cada vez mais, fazendo com que se construa uma educação mais crítica e construtiva, não se prendendo apenas a conteúdo no quadro, fazendo com que os

alunos possam interpretar de forma crítica o mundo contemporâneo em que vivem.

3.2 AS METODOLOGIAS DA NOVA VISÃO GEOGRÁFICA

Durante o período de intervenção do estágio ficou estabelecida a regência de 5 horas/aula, para cada nível de ensino, porém houve a necessidade de estender o tempo predeterminado, para estabelecer a dinâmica dentro de uma sala de aula, o que de certa forma foi muito importante e também prazeroso.

Para a realização das aulas foram elaborados planos de aula, e isso foi uma experiência positiva para o desenvolvimento profissional, assim como desenvolver metodologias. Segundo Amaral, Azzi e Lima (2002, p. 122), os planos de aula seguem quatro fases distintas para um bom planejamento.

A primeira fase é conhecimento sistematizado (científico, artístico e tecnológico, todos os conteúdos são recomendados a todas as escolas pertencentes ao sistema de ensino de nosso país pelo Ministério da Educação. Os conteúdos são recomendados pelo MEC, seguem os PCN (propostas curriculares). A segunda fase é o conteúdo recomendado pelo PCN, é transformado em conteúdo escolar e destina-se a cada uma das séries da educação básica. A terceira fase é o conteúdo escolar adaptado e transformado em conteúdo de aula que se ajusta a uma determinada série da educação básica, é o conteúdo específico que vai ser ensinado na sala de aula. Na quarta fase no espaço pedagógico da sala de aula, o professor transforma o conteúdo da aula em conteúdo ensinado, ajustando-o à realidade dos alunos durante a realização das atividades que propõe aos alunos. O conteúdo levado pelo professor transforma-se com a participação dos alunos em forma de perguntas, dúvidas e enriquecimento.

Com isso existe todo um processo para ser feito um planejamento de aula, com maior consistência de um bom assunto a ser desenvolvido na sala de aula, que é um momento de troca entre os alunos e os professores.

Tanto no Ensino Fundamental como no Médio a regência em sala de aula foi baseada na participação interativa, haja vista que, de acordo com um dos objetivos, havia a necessidade de resposta. De acordo com a aula pôde-se observar que os alunos participaram, pois foram abordados problemas do seu cotidiano: pediu-se a opinião e a participação de todos de uma forma crítica e, de acordo com a proposta da aula, os resultados foram satisfatórios.

No que diz respeito à nova visão geográfica, o que importa é também o saber do aluno e não apenas do professor. Contudo, para que se consiga desenvolver um ensino numa perspectiva de uma geografia crítica, é importante aproximar os assuntos à realidade do cotidiano dos alunos. Por ser uma disciplina complexa, o professor pode desenvolver metodologias referentes ao cotidiano de cada aluno, explanando assuntos e aguçando a participação dos alunos.

Desenvolver metodologias que possam aprofundar e dar sentido aos alunos é ainda algo a ser conquistado, muito embora tímidas reações se manifestem no ambiente escolar.

Desenvolver o olhar crítico do aluno é torná-lo pensante para que possa se tornar cidadão conhecedor dos seus direitos e deveres, e compreender o mundo em que vive. De acordo com Filizola e Kozel (2009, p. 69), “[...] nas aulas de geografia, ciências, matemática ou artes o professor lida com conteúdos, estratégias e atividades que possibilitam aos educandos compreender o mundo em que vivem a realidade na qual estão inseridos”. Partindo desse referencial fica observada a importância de desenvolver uma metodologia referente ao cotidiano do aluno.

Estes autores falam sobre a contextualidade do mundo contemporâneo em seus diferentes tipos de conhecimento de forma detalhada:

Não basta propormos um ensino que possibilite aos alunos compreenderem o mundo em que vivemos. É preciso ir além e proporcionar-lhes referências que permitam um agir nesse mundo. Contudo, um agir que se coadune com sucesso e realização. Afinal, aqueles que não puderam ou não optaram pelo ingresso no meio universitário, ou por alguma razão não asseguram sua inserção no mercado formal de trabalho, não podem “ficar pelo caminho”. (FILIZOLA; KOZEL, 2009, p. 24).

Geralmente o professor passa por algumas situações que impedem que o mesmo possa fazer uso de alguma metodologia, pois para que o desempenho do aluno seja satisfatório deve-se disponibilizar material para trabalhar a questão do ensinar/aprender.

Sobre os materiais voltados para o ensinar-aprender Kimura (2010, p. 18) afirma:

Materiais voltados para o ensinar aprender: livro didático, materiais de consumo do aluno e da escola e materiais permanentes e instrumentos de ensino. Pode parecer lugar-comum tecermos comentários sobre aspectos como materiais de consumo do aluno, tais como cadernos, lápis, borracha, mochila, etc. Porém, para a população pobre, o acesso aos materiais escolares básicos é um importante aspecto que viabiliza a aprendizagem.

Com isso os fatores condicionantes levam a essa problemática e que se torna muito difícil de conseguir fazer com que os alunos tenham uma nova perspectiva de ensino de geografia.

4 MATERIAL E MÉTODOS

No decorrer deste trabalho foram realizados levantamentos bibliográficos que pudessem enriquecer a pesquisa. O

aporte teórico foi essencial para aproximar a teoria da prática e se pudesse ter um embasamento sobre o tema descrito no presente trabalho. Para que se tivesse algo mais de enriquecedor, foi aproveitado o período de intervenção dos estágios onde se pôde aplicar da melhor forma possível o que o aporte teórico transmitiu sobre o tema. A partir das perguntas realizadas com os alunos, foram construídos gráficos enfatizando o resultado.

O principal objetivo da pesquisa é enfatizar o ensino da geografia numa perspectiva crítica e para isso foi observada a prática metodológica dos professores. O período de estágio proporcionou verificar e dar uma resposta consistente aos objetivos da pesquisa.

Outra questão levantada durante o período de intervenção foi de como os alunos viam a geografia, e, para que se soubesse da resposta a partir da perspectiva dos alunos, elaborou-se um questionário onde estes pudessem manifestar a percepção que tinham dessa disciplina. Para evidenciar esses resultados elaborou-se um gráfico que retrata o pensamento da coletividade. Partindo deste contexto, para que os alunos pudessem ter uma nova visão do ensino de geografia, durante os períodos de estágio foram realizadas aulas baseadas num ensino crítico, ou seja, uma aula diferente daquelas habitualmente ministradas pelos professores, e a participação foi o objetivo central da aula.

A pesquisa vem evidenciar o ensino crítico em detrimento do conteudismo, e para isso a atividade em sala de aula foi baseada na interatividade e em dinâmicas cujo objetivo era propor um ensino baseado na dinamicidade e com isso romper com o ensino de geografia baseado no formalismo.

De acordo com Cavalcanti (2008, p. 133):

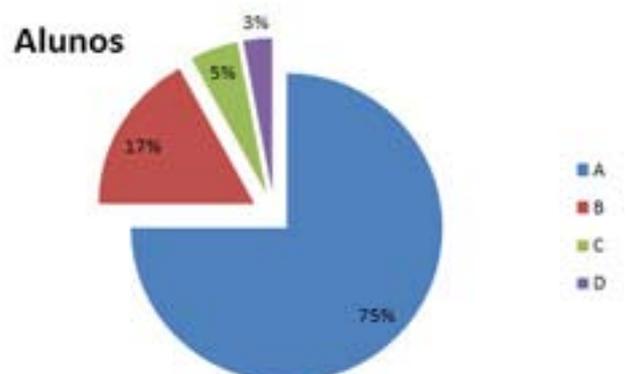
Para superar o formalismo didático no ensino de geografia é preciso, entre outras coisas, que seus agentes – professor e alunos – estejam realmente envolvidos no processo de ensino, o que requer do professor a organização de atividades que levem em conta as necessidades individuais e sociais dos alunos.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante o período da construção deste trabalho levantaram-se algumas referências para ancorar a pesquisa de campo, para que se pudesse ter o maior enriquecimento possível, também foi possível através de observações conhecer a realidade da dinâmica escolar, os problemas enfrentados pelos professores e alunos.

Para que se obtivesse um resultado consistente foi de grande importância a pesquisa de campo e a regência de classe durante os períodos de estágios. Foi possível demonstrar aos professores e alunos uma nova maneira de ensinar geografia. Como podemos observar no gráfico, os alunos passaram a ter uma visão diferente quando do início da pesquisa (ver Gráfico 2).

GRÁFICO 2 - A IMPORTÂNCIA DA GEOGRAFIA NUMA PERSPECTIVA CRÍTICA



FONTE: Pesquisa de campo no Ensino Fundamental e Médio realizada no período de 2011 a 2012

O gráfico acima mostra como os alunos passaram a ver a geografia depois da regência de classe exercida tendo como pressuposto ensinar geografia de forma crítica enfatizando o espaço vivido dos alunos, com dinâmica de perguntas e respostas, enfim um ensino baseado na interatividade.

O gráfico evidencia os mesmos alunos do Gráfico 1, e, para saber se houve mudança de pensamento com relação à geografia, foi realizada a mesma pesquisa. O gráfico mostra que 75% dos alunos, classificados como A, tiveram grande mudança em relação à forma de como viam a geografia, pois passaram a vê-la como uma disciplina muito importante, 17% dos alunos que chamamos de B ainda estão se adaptando à nova perspectiva de ensino de geografia. Já os 5% classificados como C ainda continuam presos ao método tradicional sem esboçarem alguma tentativa de se adaptarem à nova perspectiva, e os outros 3% dos alunos, classificados como D, não opinaram.

Para os educadores, as aulas ministradas na regência, de acordo com os aspectos acima citados, causaram um grande impacto, pois eles estavam adaptados ao método tradicional. Evidenciou-se então que o ensino de geografia é muito mais importante que imaginavam. O ensino de geografia numa nova perspectiva tem como objetivo romper com o método tradicional, para que as aulas sejam interativas, onde ocorra uma troca entre docente e discente tornando assim uma aula mais descontraída para os alunos.

Kimura (2010, p. 77) afirma sobre o tradicional e o crítico:

Os dois campos de preocupação estão imbricados. Porém, é necessário realizar algumas reflexões que busquem a distinção de um e de outro. Apesar das dificuldades em fazer essas convergências e/ou divergências, essa empreitada vale a pena, tendo em vista discutirmos os nossos acertos, dúvidas e dificuldades no ensino de Geografia. Nessa perspectiva, vêm à tona alguns aspectos do ensino de Geografia, com a

intenção de pensá-los como integrantes de propostas educacionais voltadas para uma realidade de ensino socialmente significativo.

Partindo do aporte teórico obtido, essa perspectiva da geografia tende a crescer entre os educadores atuais e os futuros, pois ainda de acordo com a autora (2010, p. 78): “[...] o tradicional e o crítico são denominações que circulam com frequência entre professores do Ensino Básico e alunos do curso de geografia, referindo-se ao “binômio” Geografia tradicional/conservadora e Geografia crítica/renovadora”.

E é com isso que se aposta em um novo método de ensino para a geografia com qualidade de ensino. De acordo com a pesquisa, os resultados se mesclam em positivos e negativos, porém há de se considerar que as mudanças, embora lentas, são possíveis de visualizar na escola.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta da pesquisa de certa forma “contaminou” tanto os alunos como professores, e para que pudessem conseguir se adaptar à nova perspectiva de ensino da geografia era necessário criar uma estratégia de ensino.

O ensino de geografia, baseado numa perspectiva crítica enfatizando o cotidiano do aluno, foi de suma importância porque o novo método de ensino proporcionou aos professores conhecerem outros métodos diferentes do tradicional. Partindo do princípio que o ensino de geografia deve ser prazeroso, as aulas realizadas durante o estágio ocorreram de forma interativa, nas quais ocorreu a troca de conhecimento entre os alunos e os professores.

Através deste trabalho foram elaborados objetivos que de certa forma contribuíram para que os alunos tivessem uma nova perspectiva da geografia, que pudesse ajudá-los de alguma forma nos seus

estudos e na vida cotidiana. A função dos profissionais da educação é levar sempre o melhor para os educandos, para que estes possam prosseguir em seus estudos e ter uma profissão digna, possam crescer e construir uma sociedade mais justa. É somente através da educação que podemos chegar a qualquer lugar que almejamos.

O presente trabalho foi uma experiência importante: as expectativas de atuar em sala de aula causam ansiedade, principalmente porque a docência é uma responsabilidade que requer segurança nos conteúdos abordados, tendo em vista que os alunos são jovens que necessitam de estímulos para o aprendizado. Esse é um desafio para os profissionais da educação, estimular sempre seus alunos para o interesse pelo aprendizado, não só aprender a aprender, mas, sobretudo que aquilo que foi ensinado seja assimilado pelo educando para aguçar sua consciência crítica.

O ensino sob uma perspectiva crítica deve acima de tudo despertar nesse educando valores morais e éticos. O ensino deve desenvolver o senso crítico, e não basta apenas aprender por aprender, mas, sim, que o aprendizado tenha significação para a vida pessoal e profissional do educando.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Ana Lucia; AZZI, Sandra; LIMA, Maria Eliana Matos de Figueiredo. **Organização do trabalho pedagógico - PROFORMAÇÃO**. Brasília: Seed/Mec, 2002.

CASTELLAR, Sonia; MAESTRO, Valter. **Geografia**: caderno de apoio ao Professor. 2. ed. São Paulo, 2002.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **A geografia escolar e a cidade**: ensaios sobre o ensino de geografia para a vida urbana cotidiana. Campinas: Papirus, 2008.

FILIZOLA, Roberto. **Didática da geografia**: proposições metodológicas e conteúdos entrelaçados com a avaliação. Curitiba: Base Editora, 2009.

_____; KOZEL, Salete. **Teoria e prática do ensino de geografia**. São Paulo: FTD, 2009.

GIASANTI, Roberto. **Atividades para a aula de geografia**: ensino fundamental, 6º ao 9º ano. São Paulo: Nova Espiral, 2009.

KIMURA, Shoko. **Geografia no ensino básico**: questões e propostas. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib; PAGANELLI, Tomoko Iyda; CACETE, Núria Hanglei. **Para ensinar e aprender geografia**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2009.